

# Pairando no rebordo dos dedos pousados na mesa<sup>1</sup>

Bernardo RB

Convido a escutar alguns ecos da frase “É a minha própria casa, mas creio que vim fazer uma visita a alguém.” Há, nesse trecho do livro *Um Falcão no Punho*, de Maria Gabriela Llansol, uma presença marcada pelo desabitado, que se dá num corpo que se faz presente no espaço.

Isso lembra um poema da brasileira Ana Cristina César, que em sua única frase diz “preciso voltar e olhar de novo aqueles dois quartos vazios”.<sup>2</sup> Tanto a frase de Llansol quanto a de Ana Cristina César foram publicadas como fragmentos em suas respectivas páginas. Em *Um Falcão no Punho*, ela vem precedida de uma marcação de diário: “Jodoigne, 10 de maio de 1979”. Em *A Teus Pés*, aparece sem título entre outros textos.

Temos as imagens de dois corpos que criam espaço, seja da página, seja dos cômodos evocados, ambos marcados por um rasto ou uma ausência marcada por presença. Há nas duas frases o movimento de um percurso que se comunica sem necessariamente ter de ser visível ou atingir uma totalidade.

Essa afirmatividade documenta algo que acontece nas trocas físicas de qualquer corpo com o que não é ele, mas que paradoxalmente vem a sê-lo: o espaço. Fora da escrita e por ela trazido à vida, o espaço do corpo paradoxalmente cria, efetiva a sua presença vazia, mas abundante, uma vez que só se dá na troca com o exterior, na atividade de membranas semipermeáveis. Sangue que corre e que esquecemos aí, correndo. Julgamo-nos imóveis quando há sempre movimento. Somos feitos pulsantes.

No campo do corpo podemos afirmar, mas não comprovar validades. Podemos sim falar em alteração respiratória, circulatória, emocional, existencial etc., mas não temos uma ciência ou um discurso que abarque o corpo em toda a sua materialidade e imaterialidade. A simultaneidade de vetores e naturezas que o atravessam. A nossa consciência mais cara que se dá no lampejo e logo se esvai.

A palavra *sentido* é sempre corporal, pois mesmo as abstrações são construídas por alguém que não é abstrato – o que qualquer linguagem produz é sempre físico. Em nosso cotidiano, podemos mesmo observar que insistir em certas práticas de leitura do mundo é modelar determinadas formas de corpos. A obsessão que recusa as lacunas do fragmentário desenha linhas rígidas, que tentam colar as coisas sem respirar.

---

<sup>1</sup> Para ocasião da exposição “É a minha casa, mas creio que vim fazer uma visita a alguém”, de Manuel Santos Maia. Porto: Casa da Imagem, 2013.

<sup>2</sup> CÉSAR, Ana Cristina. *A Teus Pés*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984, p. 2.

Não existe atribuição de sentido que não ecoe longe das palavras, nos confins tão vagos quanto precisos daquilo que se sente ou se pensa estando num espaço. É o eu-corpo que lê<sup>3</sup> sua criação *non stop* do instante, da linguagem e do silêncio acontecendo em variadas trocas com o que não é ele, trocas que recortam, expiram, cosem, dilatam.

Há um fundo de saber, uma acumulação de fatos que são da ordem da sensação, ordem que, em nosso tempo de capitalismo a mil por hora, parece não saber tão bem como verdadeiramente sabe e parece não ser tão ordenada como misteriosamente é. Essa acumulação de pequenos fatos sensacionais não aflora na racionalidade, mas serve de base a todos os conhecimentos. Paul Zumthor diz-nos que se trata do *conhecimento antepredicativo*.<sup>4</sup>

Diante de evidências que percorrem o nosso coração nos sentidos de uma ordem da sensação, por que é que insistimos em posturas institucionais ou coletivas que dão à palavra um lugar fixo? Por que usamos com frequência o termo *escrita automática*? Para esquecer a manifestação de um conhecimento livre, que nos acompanha concretamente enquanto criadores de nós mesmos? O que é que fizemos com a palavra que ela tem de se conceber automática e banal quando flui? Que automatismo é esse que atribuímos ao pulsar?

Toda experiência guarda elementos que podem não estar sistematizados no contexto cultural. O nosso contato com o corpo que experimenta, que palavra, é um começo constante. Não sabemos à partida qual seja a intensidade da vida, por mais que se continue a sustentar discursos que representem uma verdade só. Não há uma medida para o corpo que não seja uma ruptura ou um singular. “que corpo é esse? um corpo provisório como todo corpo é”.<sup>5</sup>

A dimensão da poeticidade do humano, sua potência criadora de si e de outros corpos, ainda está constrangida pelo sofrimento do incomunicável e pela obsessão funcional de *ter que* comunicar em caixas formais de falsas seguranças, como embalagens de supermercado. Como se eu soubesse o que estou consumindo. Esse corpo evidentemente traz palavras faladas, escritas, desenhadas, irregulares como é experimentar. Palavras entrecortadas, frases sozinhas.

[...] quantas vezes falamos sem nada dizermos do que é real,

---

<sup>3</sup> Eu-corpo: uso esse termo a partir de conversa com Helena Katz na Galeria Boavista, Lisboa, 6 jun 2012.

<sup>4</sup> ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção e Leitura*. São Paulo: Cosacnaify, 2007, p. 78. Zumthor utiliza o termo *conhecimento antepredicativo* a partir da leitura de *A Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty.

<sup>5</sup> NEUPARTH, Sofia. *passar as mãos pela geografia do corpo*. Em: *práticas para ver o invisível e guardar segredo* (estudo do corpo e do movimento escrito em estado de dança). Lisboa: c.e.m, 2009, p. 12.

mas sem desconhecermos um só instante essa realidade. Um entretém.

Quantas vezes sabemos que a alma está pairando no rebordo dos dedos pousados na mesa. E continuamos como se não tivéssemos a alma que, de facto, temos.

Quantas vezes os nossos olhares se trocam. Quase sempre vão e voltam e, quando não voltam, quantas vezes nos esquecemos de libertar o segredo da posse. E é de propósito que o fazemos.

Sabemos que, em nada, nos podemos mentir e, mesmo mentindo, o outro conhece a verdade e acredita na mentira que estamos trocando. E é não é por mal. [...] <sup>6</sup>

Uma língua absoluta, na qual saibamos muito bem do que é que se fala e com que forma apropriada se diz, perpetuando os mesmos gestos de assepsia da deformação constante que é estar aqui, não dá caminho viável. O que chamo de viabilidade é uma vida efetiva na qual possamos estar sozinhos sem a tragédia da solidão incompartilhável, numa companhia cheia de ar como o espaço terrestre.

Toda pessoa tem a sua forma de comunicar flutuando. Toda pessoa tem a sua forma de comunicar desmunida, sem posse.

\*

bernardorb@gmail.com

---

<sup>6</sup> LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde Vais, Drama-Poesia?*. Lisboa: Relógio d'água, 2000, p. 94.